

Pelo Mundo: A Guerra Contra o Nada.

Néliton Azevedo.

Cita:

Néliton Azevedo (2001). *Pelo Mundo: A Guerra Contra o Nada*. *Jornal Oficina de Idéias*, Oct02, 13-13.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/neliton.azevedo/8>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ph8m/MTd>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Pelo Mundo

Um Passeio pela Política Internacional

Néliton Azevedo
Economista, Doutor em Educação
Especialista em Relações Internacionais
Editor da Revista Práxis

Neste mês estamos trazendo mais um convidado 'de peso' para falar da Guerra Genocida contra o Afeganistão: Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz. Incluí em minha tradução do original francês pequenas Notas de Rodapé para elucidar algumas poucas questões. Aos que apoiam 'incondicionalmente' a atitude norte-americana lembramos que os EUA armaram, treinaram, organizaram e apoiaram o Talibã e Bim Ladem quando estes combatiam o governo de esquerda do Afeganistão, na década de 80. Serão considerados pelo governo norte-americano como 'Aliados' somente aqueles que garantirem ou ampliarem os lucros de suas mega-empresas. Enquanto estes lucros não forem prejudicados por essa 'Aliança'. As multinacionais americanas querem agora as matérias primas abundantes e a posição estratégica do Afeganistão, não precisam mais do seu fanatismo religioso. Esse fanatismo prejudica os lucros, portanto os antigos 'Aliados' devem ser 'removidos'.

Néliton Azevedo.

A Guerra Contra o Nada

"Sejamos realistas, peçamos o impossível"
maio de 1968

"O mundo não sabe aonde está sua casa", disse Luca, um menino de três anos, enquanto observava um mapa, ou poderia estar assistindo um noticiário, como nos conta Eduardo Galeano.

Teríamos que perguntar-nos e responder à inquietude do menino, se realmente sabemos "aonde está nossa casa", porque a estão destruindo pela soberbia do poder e da intolerância.

No dia 11 de setembro, o mundo sentiu-se sacudido e indefeso pelo atentado terrorista em New York e Washington. Os fundamentalismos buscaram justificativas à violência, uns declararam a "Guerra Santa", outros afirmam que esta é a "Guerra do Bem contra o Mal", ou "estão conosco ou estão com os terroristas", é a guerra das cruzadas que imporão a "Justiça Infinita".

O império norte-americano ficou vulnerável e o medo percorre suas ruas e cidades. Muitos não entendem a agressão, ignoram a política dos sucessivos governos dos EUA no mundo, as guerras e conflitos provocados em outras partes do mundo.

A surpresa e a indignação refletem-se nos rostos e nas atitudes da população e no temor aos muçulmanos e emigrantes de diversos países. No atentado, foram vitimadas milhares de pessoas inocentes de 82 países.

Chegou-se a um ponto de inflexão nas relações internacionais. As Nações Unidas estão marginalizadas e postergadas para tomar resoluções e apenas atinam a apoiar as iniciativas dos EUA.

Os meios de comunicação sofrem de psicose de guerra: não existe outro caminho, é preciso atuar e responder ao terrorismo com mais terrorismo, pôr em funcionamento a grande maquinaria bélica e mostrar o poder que dispõe a grande potência e seu aliado principal, a Grã Bretanha.

Conseguiram impor o "pensamento único", a suspensão das consciências, o inevitável, que o único caminho é a guerra, qualquer outra alternativa simplesmente não existe. A paz é uma utopia irrealizável. Os estudantes de maio de 68 na França diziam algo importante que devemos recuperar do pensamento e da resistência estudantil, no momento atual em que vivemos. "Sejamos realistas, peçamos o impossível". Assim pensamos vários Prêmios Nobel da Paz e decidimos atuar frente à situação que vive a humanidade, reunimo-nos em New York aonde chegamos no dia 7 de outubro, Mairead Corrigan Maguire, da Irlanda do Norte⁰, Rigoberta Menchú Tum¹ e Adolfo Pérez Esquivel, para participar junto aos movimentos de Paz, organizações sociais, veteranos da Guerra de Vietnã e comunidades religiosas em nível ecumênico, da marcha organizada para evitar a guerra. Durante a mesma, anunciam que EUA e Grã Bretanha começaram os bombardeios sobre o Afeganistão, país protetor dos supostos terroristas. Até o momento, EUA não mostrou provas de que Bim Ladem foi o autor dos atentados. Anunciam que os EUA bombardeiam e atiram alimentos em conjunto sobre Cabul. É a grande hipocrisia de toda a guerra.

A FAO² anuncia que no dia 11 de setembro morreram no mundo 35.615 crianças de fome. Nenhum governo, nem a ONU, a UNICEF³, nem os meios de imprensa e TV, se comoveram, nem protestaram ou publicaram matérias. "A bomba silenciosa da fome", é silenciosa nas consciências anestesiadas do pensamento único. As 500 mil crianças mortas no Iraque pelo bloqueio dos EUA e Grã Bretanha não são notícia, não são registradas nas consciências.

Os ganhadores do Prêmio Nobel da Paz se encontraram com o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, com os presidentes do Conselho de Segurança e com o presidente da Assembleia Geral da ONU. Os últimos fazem referência ao art. 51 dos Estatutos da ONU, que afirma que se um país é atacado por outro, tem direito à retaliação. Situação que não se dá 'de fato'.

Nenhum tipo de terrorismo é justificável, venha de quem venha. Ao longo do tempo, a ONU evoluiu e estabeleceu códigos de conduta entre as nações, como os pactos, protocolos, convenções, declarações, constituiu o Tribunal Penal Internacional, que os EUA se negam a ratificar e até hoje não é possível pô-lo em vigência até que número mínimo necessário de países o ratifiquem.

Afirmou-se ao Secretário General Kofi Annan a necessidade de combater o terrorismo e fundamentalmente cambiar as políticas internacionais de desigualdade e injustiças imperantes, geradoras de violência social e estrutural.

Mais de 54 conflitos e guerras afetam [atualmente] toda a humanidade, é necessário câmbios e soluções profundos no Meio Oriente, a relação de direito que assista por igual a Israelenses e a Palestinos. O levantamento do bloqueio ao Iraque e à Cuba, o fim do Plano Colômbia, que pode derivar em outro conflito regional na América Latina. Lograr novas relações internacionais.

A Assembleia Geral da ONU deve ser o órgão de decisões e não o Conselho de Segurança, uma estrutura nada democrática e sujeitada aos países más poderosos, que, de acordo com seus interesses, impõem o veto às resoluções e aos conflitos que os afetam.

É necessário que a ONU assuma seu objetivo mais claramente e mais definidor nos problemas internacionais, como constituir um âmbito de análise e resolução dos conflitos que hoje afligem a humanidade e preservar a Paz, como o direito fundamental dos povos. Para conseguí-lo é necessário desenvolver e potencializar o "pensamento próprio" para o bem de todos e superar os mecanismos de dominação e exclusão social, como a dívida externa que sufoca e submete os países mais pobres, geradora, entre outras causas, da "bomba silenciosa da fome".

Sabemos como começam todas as guerras, em sua fuga para a frente, ou para nenhum lado, ninguém sabe como terminam, mas sabemos as conseqüências que traz: a destruição e a morte, as perdas de milhares de vidas, o sangue, a dor dos povos, as vítimas diretas e indiretas perduram durante gerações, com traumas psicológicos e condições limites de vida.

Na Argentina, como em outros países, muitos setores estão mobilizados na defesa da vida e em dizer **Não** à guerra, **Sim** à Paz. No dia 26 de outubro convocamos a todo o país a mobilizar-se nas marchas e concentrações para fazer ouvir os "Tambores da Paz", junto a 16 países. A pergunta do menino [Luca] está presente. Sabemos aonde está nossa casa? O mundo, temos que encontrá-la e saber compartilhá-la com toda a humanidade. Sejamos realistas, peçamos o impossível.

⁰ Onde o IRA tomou uma decisão histórica de depor suas armas em favor de uma solução negociada com o governo britânico sobre a Irlanda do Norte. [Nota do Tradutor - N.T.]

¹ Líder indígena e feminista da Guatemala, ganhadora do Prêmio Nobel. [N.T.]

² Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. [N.T.]

³ Agência das Nações Unidas para a Infância e Adolescência. [N.T.]